



O mês do desgosto ainda vai pela metade. Aqui no nosso Planalto Central não há sinal de chuva, mas isso não quer dizer que agosto não traga suas trovoadas. Não é um mês qualquer. Se o papa Gregório soubesse que estava criando um mês tão problemático provavelmente teria deixado valendo o calendário de Júlio César, principalmente porque tinha 10 dias a menos, ou seja, menos tempo para desgraças.

Não tenho amuleto, nunca usei pé de coelho nem patuá. Até tive uma figa de madeira, mais como objeto de decoração cafona do que para isolar mau olhado. Também não tenho desses cristais que refletem coisas ruins, mas de vez em quando apelo para um pé-de-pato-mangalô-três-vezes, batendo na madeira para isolar maldades, que ninguém é de ferro.

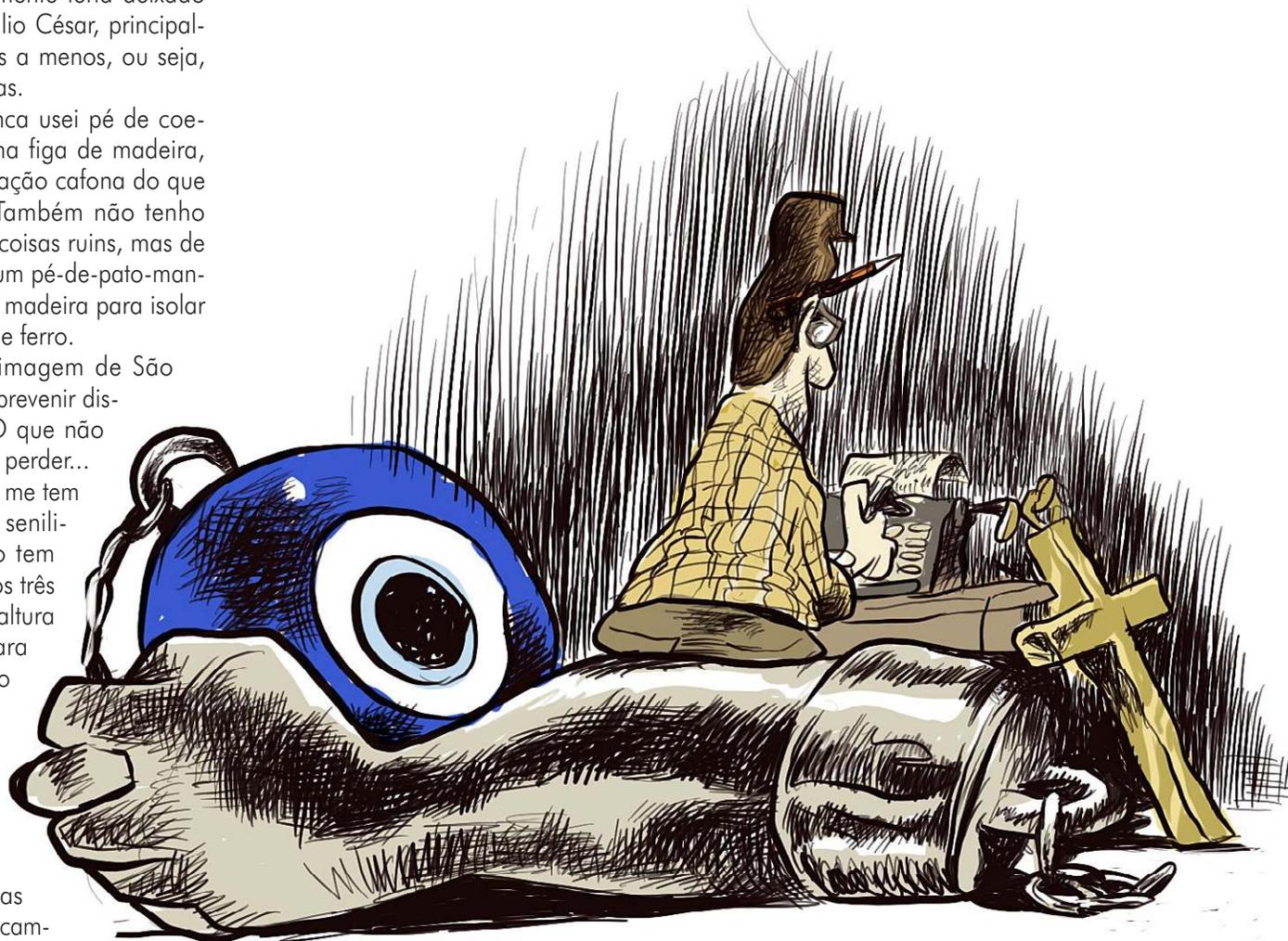
Também carrego uma imagem de São Longuinho na carteira para prevenir distrações e esquecimentos. O que não me impediu de, dias atrás, perder... a carteira. Como se vê, não me tem adiantado muito; contra a senilidade parece que a fé não tem tanta força. Desconfio que os três pulinhos não têm atingido altura suficientemente atraente para o santo. Ultimamente, tenho me esforçado até para não perder o juízo.

Voltando a agosto, vamos para além da rima rica do velho ditado, mês do desgosto. Era também o mês do cachorro louco, mas isso no tempo que não tinha campanha de vacinação antirrábica e os cachorros, ensandecidos pelo misterioso cheiro que vem do cio, saíam distribuindo dentadas, como Mike Tyson e Luizito Suarez, e se contaminando na disputa pelo cruzamento.

Mas a fama de agosto não se deve apenas à baba canina. Em 1914, a Primeira Guerra Mundial começou neste mês, assim como o ataque com bombas atômicas contra o Japão e os sangrentos conflitos entre católicos e protestantes na Irlanda. E era quase sempre nos agostos, aproveitando os ventos, que os portugueses deixavam o porto para procurar terras além mar, muitas vezes encontrando apenas tormentas e tragédias e deixando incontáveis viúvas de viçosos buços no porto.

Mas o mau agouro vem de muito antes. Os antigos romanos enxergavam e temiam um dragão que aparecia cuspidando fogo no céu noturno.

Um mês interminável



Era a constelação de leão, a mesma que marca a personalidade de tanta gente altaneira, orgulhosa e, por vezes, presunçosa, que acredita em horóscopo. Mas o povo da época achava que trazia má sorte.

Ainda hoje há quem se impressione com as chuvas de meteoros que ocorrem em agosto, especialmente no Hemisfério Norte, notadamente as perseidas do final do mês. É preciso muito pedido para tanta estrela cadente.

Meu avô não gostava de agosto; gostava de Getúlio — que deu o tiro fatal no agosto de 1954. Eu não gosto também, mas por um motivo bem menos nobre: é o mês que me racham os lábios e me sangram as narinas, embora me encante com a floração dos ipês amarelos, que

trazem a certeza da chegada de mais uma primavera daqui a pouco.

Foi também em agosto que Jânio Quadros renunciou à Presidência da República depois de apenas sete meses de mandato — não por acaso um alambique lançou a pinga Forças Ocultas pouco depois. E foi num agosto (de 1976) que o fundador de Brasília, Juscelino Kubitschek morreu num acidente de carro que deu muito o que falar, alimentando teorias da conspiração quando elas nem existiam.

E cada vez gosto menos de agosto. E não por causa das mortes de Elvis Presley e Raul Seixas. Tragédias não escolhem datas, acontecem todos os dias, todos os meses. A diferença, descubro agora, é que agosto demora muito para acabar.